

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Zero Hora

Class.: 1119

Data: 01.03.92

Pg.: _____

Decisão da Justiça alegre caingangues



Decisão do Tribunal de Alçada foi recebida com alegria pelos índios que ocupam Parque Florestal, pois garante a permanência do grupo durante mais algum tempo na área

CLARINHA GLOCK

Editoria Local/ZH

Um clima de alívio e euforia invadiu ontem a área do Parque Florestal de Nonoai, ocupada por cerca de 600 índios desde o dia 14 de fevereiro. A notícia de que a liminar que dava a reintegração de posse da área ao Estado havia sido cassada pelo juiz do Tribunal de Alçada foi confirmada aos índios pelo cacique José Orestes do Nascimento, o Zé Lopes, no final da manhã. "Nós ganhamos", repetiam os caingangues, meio desconfiados. "Pelo menos por enquanto, a Brigada Militar não vai poder tirar a gente daqui", repetiu mais uma vez o cacique.

A chegada de Zé Lopes e do conselheiro Nelson Jacinto Xangrê — que, em 1978, liderou um movimento para a expulsão dos colonos das terras indígenas em Nonoai — diminuiu a tensão e fez com que muitos índios abaixassem as armas improvisadas: arcos e flechas, pedaços de pau e facas podiam ser vistos nas mãos de vários índios, espalhados pela reserva.

Para defender o direito à terra, que as escrituras dos brancos antigos garantem que é dos índios, um grupo de caingangues permanece armado e estrategicamente posicionado na entrada do parque, ao longo da estrada de terra vermelha e barrenta que dá para os 17 mil hectares. A sentinela se justifica porque, mesmo com a liminar, os índios acham que é possível a Brigada tentar desmobilizá-los. A maior queixa é contra os ataques na estrada que liga Planalto a Nonoai.

O tratorista Gabriel Nascimento,

35, contou como os índios tiveram que enfrentar os policiais na estrada, quando estavam a caminho do parque. Na versão do caingangue, soldados da BM de Nonoai e de Planalto colocaram seus carros, um de cada lado da ponte do Passo Feio, e mandaram os sete índios que vinham no trator descer. Gabriel Nascimento diz que os caingangues não desceram, e jogaram as facas e pedaços de pau no mato, que era para não dar tiro. Até que um soldado atirou no pneu do trator. Como os índios esboçaram uma reação, os guardas se espalharam e deixaram o local.

GRIPE — No Parque Florestal, as barracas armadas denunciavam os sinais de ocupação. Apesar do cacique garantir que há comida para dois anos, as mulheres reclamam que a alimentação não é tão farta assim. Além disso, a chuva de dois dias transformou a terra em barro e aumentou a gripe das crianças. Duas delas tiveram que voltar para a cidade com as mães para procurar tratamento. As crianças que ficaram estão espalhadas pela área e brincam com o arco e flecha, sem se dar conta da gravidade da situação. O cacique Zé Lopes já pediu ao chefe da Funai para levar uma enfermeira para a reserva para garantir a saúde dos índios.

Chapéus de palha na mão, os caingangues e um grupo de guaranis que se juntou a eles parecem determinados a não deixar o local antes que a lei dos brancos lhes entregue um papel assinado, com a permissão para que possam plantar na área da divisa com o parque e retirar o pinhão e frutas frescas da reserva. "Não que-



Fotos Valdir Fritolin/ZH

Vida familiar: depois de momentos de tensão, índios voltam a fazer polenta para alimentação do acampamento

remos depredar. Até gostaríamos que um ecologista viesse aqui conferir como está a área", disse Zé Lopes. Nos 15 dias em que ocuparam o local, ele afirma que os índios só caçaram dois tatus.

Na área do cemitério, que foi o motivo da entrada dos caingangues no Parque, permanece a cruz de madeira colocada no dia da ocupação. "Tenho dois filhos e o sogro enterrados aqui", comenta o índio Marcolino Mineiros, 71. "Naquela época, índio não sabia falar português. Ele fugia dos brancos". Tanto fugiu, contou Marcolino, que acabou ficando sem a terra que agora ele e o grupo tentam tomar de volta.

no Mineiros, 71. "Naquela época, índio não sabia falar português. Ele fugia dos brancos". Tanto fugiu, contou Marcolino, que acabou ficando sem a terra que agora ele e o grupo tentam tomar de volta.

Índios lutam na Justiça para manter a área

Quando os primeiros colonos chegaram ao Rio Grande do Sul, existiam cerca de 500 mil índios espalhados praticamente por todo o Estado. Hoje, eles são apenas 6.800, divididos entre 50 mil hectares de reservas. Dizimados pelas guerras e doenças trazidas pelos brancos, eles teimam em sobreviver e lutam para recuperar suas terras e conservar sua herança e modo de vida.

Desde o século XVII, quando os brancos chegaram ao Rio Grande do Sul, as lutas entre índios e colonos foram sem tréguas. Embora as histórias mais conhecidas sejam as das Missões, travaram-se aqui guerras tão ferozes quanto as que se vêem nos filmes de *bangue-bangue* americanos. As guerras entre si e com os imigrantes, os vícios e doenças que vieram com a civilização e a paulatina destruição de seu habitat e de seu modo de vida são as principais causas do extermínio dos cerca de meio milhão de índios gaúchos.

A guerra mantida contra os imigrantes levou o governo estadual a

adotar a solução das reservas. Mantinham-se os indígenas sob guarda e, ao mesmo tempo, tentava-se fazer que eles assimilassem os costumes da sociedade branca. As primeiras reservas foram criadas em 1910, totalizando cerca de 120 mil hectares. Mas a invasão dos colonos, com a conivência das autoridades estaduais, acabou reduzindo a área em mais da metade.

Em 1960, as reservas somavam uma área total de 50 mil hectares. A Constituição brasileira determina que até 1994 sejam demarcadas todas as áreas indígenas, e assegura a posse dos 50 mil hectares desapropriados pelo governo estadual.

JUSTIÇA — E a luta, desta vez nos tribunais, já começou. Os índios da reserva de Nonoai, representados pela Funai, entraram na Justiça Federal de Passo Fundo requerendo a devolução de 25 mil hectares pertencentes aos índios caingangues, tomados pelo Estado em 1945. Naquela época, a reserva de Nonoai tinha 39.980 hectares. Em 45, o Estado

transformou 25.070 hectares no Parque Florestal. E, em 1960, o governador Leonel Brizola legalizou 5.072 hectares que haviam sido ocupados ilegalmente por colonos. A reserva foi reduzida a 14.910 hectares, onde vivem cerca de 2.600 indígenas.

A situação é complicada, pois o Parque Florestal de Nonoai é uma das melhores reservas ecológicas do Estado. Além disso, a área reclamada pelos caingangues abrange também zonas rurais e urbanas das cidades de Planalto e Nonoai.

Os brancos moradores da área alegam que os índios podem destruir o patrimônio do parque, assim como a vitória deles privaria as cidades de zonas vitais para a economia da região. Os indígenas porém, além de amparados na Constituição, alegam que o Governo podia administrar, mas não dispor da terra. Além disso, estão animados com a vitória obtida em Santa Catarina, em 1984, onde a Justiça concedeu reintegração de posse aos caingangues. (Luiz Carlos Domingues — Pesquisa/ZH)

O PARQUE

